

Editorial

DESAFIOS E REFLEXÕES NA HISTÓRIA ANTIGA: SILÊNCIOS, NARRATIVAS E A CRÍTICA DAS FONTES

CHALLENGES AND REFLECTIONS IN ANCIENT HISTORY: SILENCES, NARRATIVES AND THE CRITIQUE OF SOURCES

Allan Cezar Alonzo¹

A História Antiga, enquanto campo de estudo, exige de seus pesquisadores uma abordagem aprofundada diante das complexidades das civilizações que moldaram o passado distante. Trata-se de um campo que demanda não apenas o exame das documentações disponíveis, mas, sobretudo, uma leitura crítica de suas lacunas e silêncios — enfrentando os desafios impostos pelas próprias fontes históricas.

Kostas Vlassopoulos, em sua obra *Unthinking Greek Polis: Ancient Greek History Beyond Eurocentrism* (2007), nos lembra que a produção historiográfica está repleta de *silêncios* — omissões e ausências que revelam escolhas conscientes ou inconscientes. Esse aspecto exige uma postura crítica que possibilite reconfigurar as narrativas tradicionais e preencher os vazios deixados pela história escrita.

¹ Mestre em História pelo PPGH/UERJ; Especialista em História Antiga e Medieval NEA/UERJ; Membro Pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade /UERJ. E-mail: allanalonso.historia@gmail.com

Este editorial da revista *Nearco*, do Núcleo de Estudos da Antiguidade, propõe uma reflexão sobre os desafios envolvidos na interpretação das fontes antigas, oferecendo uma análise sobre como a historiografia da Antiguidade pode — e deve — ser repensada, com ênfase no diálogo com as fontes e na crítica às narrativas consolidadas.

A crítica, observada sob o viés de problemática historiográfica, é elemento essencial para qualquer período histórico, mas adquire proporções ainda mais significativas quando se trata da História Antiga. No contexto do período helenístico, por exemplo, a documentação que chegou até nós foi, em grande parte, produzida por elites que detinham interesses específicos sobre como os eventos deveriam ser representados. Produções literárias de historiadores gregos e romanos frequentemente refletem mais uma necessidade de legitimação política e social do que uma tentativa de retratar a realidade de forma imparcial.

Para Vlassopoulos (2007), o *silêncio* na produção escrita antiga nos ensina que, ao escrever sobre as *poleis* gregas, os historiadores da época tendiam a omitir vozes e experiências que não se alinhavam ao ideal da *polis*, ou que estavam à margem do poder. Essa invisibilidade atinge, por exemplo, mulheres, pessoas escravizadas, povos subalternos e dinastias periféricas que não figuravam no centro da narrativa oficial.

A crítica às fontes antigas, portanto, deve ser entendida como um exercício contínuo de questionamento. As documentações disponíveis nem sempre registram a história de maneira clara ou abrangente, sendo necessário interpretar suas entrelinhas e entender o que foi deixado de fora — e por quê.

Ulpiano Meneses segue essa mesma linha de reflexão em sua obra *As marcas da leitura histórica: a arte grega nos textos antigos* (1998). Apesar de anterior ao estudo de Vlassopoulos, sua análise complementa a discussão ao abordar o uso e a interpretação dos documentos históricos. Meneses destaca que a leitura das fontes não é neutra: ela está impregnada de valores, pressupostos e influências do presente. Essa perspectiva nos leva a compreender a História Antiga não como uma busca por verdades absolutas, mas como um processo interpretativo, sujeito a revisões constantes.

No cenário atual, é fundamental que os historiadores estejam atentos à construção das fontes e às narrativas produzidas a partir delas. A historiografia deve ser compreendida não como uma simples coleta de dados, mas como um campo dinâmico de crítica e reflexão, onde as interpretações são constantemente desafiadas e reformuladas.

A questão que se impõe é se esse olhar crítico deveria se limitar à História Antiga ou ser uma prática permanente em toda a historiografia. O princípio da crítica deve permear todas as etapas da pesquisa histórica, independentemente do período estudado, afinal, a seleção e a interpretação dos dados podem refletir visões parciais ou tendenciosas. No caso da História Antiga, esse cuidado se torna ainda mais urgente, considerando o caráter fragmentário e enviesado de muitas fontes.

Nesse contexto, o historiador assume o papel de mediador entre o passado e o presente, comprometido em dar voz àqueles que foram silenciados ou esquecidos. A História Antiga, longe de ser um repositório de verdades imutáveis, deve ser encarada como um campo de disputa de significados, constantemente reavaliado à luz de novas perguntas e novos olhares.

É com esse espírito que este dossiê reúne artigos que abordam diferentes aspectos da História Antiga, contribuindo para o fortalecimento de um debate crítico e plural. Por exemplo, o artigo de Amanda de Carvalho Santos Lima, sobre o conflito entre a imperatriz Élia Eudóxia e o bispo João Crisóstomo, questiona como a atuação política e religiosa feminina é frequentemente invisibilizada nas narrativas históricas — tanto antigas quanto contemporâneas. Já o estudo de Bernardo Araújo Belfort Bastos, que trata dos vestígios de uma civilização esquecida, evidencia a importância da cultura material e da arqueologia para dar visibilidade a grupos historicamente marginalizados.

Os artigos de Irlan de Sousa Cotrim, sobre as representações mitológicas e religiosas de Domiciano, e de Luana de Oliveira Corrêa Treska, sobre o festival de Ísis, mostram como as fontes antigas podem ser analisadas também sob perspectivas simbólicas e culturais, revelando múltiplas camadas de significados. A crítica às

documentações, nesses casos, é essencial para desvelar novas possibilidades interpretativas.

O dossiê também inclui reflexões sobre as origens da identidade cristã primitiva. Rafael Silva dos Santos investiga a formação do Cânon e a noção de "Escritura" entre os primeiros cristãos, argumentando que a existência de um "Cânon Primitivo" anterior ao século II indica uma identidade cristã já em construção. Já Nina Mejuto García analisa a evolução do sistema legal e os direitos das mulheres entre o Egito faraônico e greco-romano, destacando como as fontes jurídicas, moldadas por normas patriarcais, exigem leitura crítica para revelar tanto os limites quanto as possibilidades de agência feminina naquele contexto.

A História Antiga não é apenas o estudo do passado remoto, mas um campo fecundo para pensar criticamente as formas como o conhecimento histórico é produzido, interpretado e transmitido. A crítica às fontes, como propõem Vlassopoulos e Meneses, não é apenas uma técnica historiográfica, mas uma postura ética e metodológica indispensável para compreender as múltiplas camadas de sentido e as omissões que permeiam as narrativas históricas.

Esse olhar crítico deve atravessar toda a historiografia, desafiando as versões oficiais e promovendo novas formas de ler o passado. Assim, a História Antiga — como qualquer campo da história — deve ser entendida não como uma verdade estática, mas como um processo dinâmico e interpretativo, aberto ao questionamento e à reconstrução.

Este dossiê da *Nearco* oferece uma contribuição valiosa para esse debate, reunindo estudos que questionam as fontes, problematizam as narrativas e propõem novas interpretações. Que estas reflexões inspirem os leitores a continuar interrogando a História Antiga — e a própria prática historiográfica — com um olhar crítico, atento aos silêncios, às lacunas e às vozes esquecidas do passado.

BIBLIOGRAFIA

DE MENESES, Ulpiano T. Bezerra. As marcas da leitura histórica: arte grega nos textos antigos. **Manuscrita: Revista de Crítica Genética**, n. 7, p. 69-82, 1998.

VLASSOPOULOS, Kostas. **Unthinking Greek Polis: Ancient Greek History Beyond Eurocentrism**. Cambridge, 2007.